

ESPECIAL BM&FBOVESPA

PERSPECTIVAS DO

AGRONEGÓCIO EM 2010/11



PERSPECTIVAS DO AGRONEGÓCIO 2010/11

Os desafios do agronegócio brasileiro no mundo pós-crise

Cotações baixas para o milho e a soja, devido aos elevados estoques previstos e à estimativa de grandes safras na temporada 2010/2011. Custos mais baixos e boa rentabilidade para o algodão, que deve ter uma safra 13% superior à do ano passado. Queda de estoques e demanda forte favorecendo o mercado de café. Forte crescimento da demanda por etanol, em consequência do crescimento da frota de carros flex, enquanto as tendências para o açúcar ainda são indefinidas. E na pecuária, o boi inicia um processo de franca recuperação.

Essas são as principais tendências para o agronegócio, na avaliação dos analistas, empresários e economistas que participaram, no dia 4 de maio, do Seminário Perspectivas para o Agribusiness em 2010 e 2011, realizado em São Paulo pela BM&FBOVESPA e pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Na abertura do evento, Edemir Pinto, diretor-presidente da BM&FBOVESPA, destacou a evolução dos mercados de derivativos agrícolas pós-crise global.

Os números recentes, segundo ele, já apontam para uma virada. “Em 2009, em plena crise, o volume de contratos agropecuários teve queda de 38%. Só nos três primeiros meses deste ano, registramos crescimento de 18%, o que indica uma forte reação”, informou Edemir.

“Para crescer e atrair mais agricultores aos mercados futuros, a BM&FBOVESPA precisa ir além da inovação. Estamos criando novos instrumentos e ações para ampliar os negócios. A Brasil Investimentos e Negócios (Brain), associação que criamos junto com várias entidades e empresas, entre outros desafios vai buscar soluções para a logística do agronegócio. Ao mesmo tempo, estamos ampliando a nossa parceria com o CME Group”, disse.

Mas o grande destaque deste ano, segundo ele, é a criação do novo contrato de etanol hidratado com liquidação financeira, que vai seguir os passos do contrato de milho.

Carlo Lovatelli, presidente da Associação Brasileira de Agribusiness, alertou para as ameaças ao desenvolvimento do setor. “Estamos conseguindo retomar o crescimento, após um período de forte crise mundial, mas deficiências de logística, insegurança jurídica, problemas de infraestrutura e de sustentabilidade podem trazer sérios prejuízos ao setor”, disse o presidente da Abag.

“Algumas correntes de economistas defendem que a crise financeira internacional já passou, e que agora vivemos um período de pós-crise, que pode se traduzir em novas oportunidades para diversos setores da economia brasileira, e numa



“Os números recentes [do mercado futuro] já apontam para uma virada. Só nos três primeiros meses deste ano, tivemos crescimento de 18%”

EDEMIR PINTO, DA BM&FBOVESPA

“Diversas entidades estão trabalhando na elaboração de um conjunto de propostas que será encaminhado aos candidatos à Presidência da República”

CARLO LOVATELLI, DA ABAG

“As duas bolsas devem expandir seu relacionamento, investindo, principalmente, em tecnologia e parcerias estratégicas”

CHARLES CAREY, DA CME GROUP

“É um momento rico para a agricultura brasileira”

WAGNER ROSSI, MINISTRO DA AGRICULTURA

retomada no crescimento do agronegócio. Há, no entanto, correntes que defendem que a crise ainda não acabou, e que efeitos danosos podem respingar sobre diversos países, incluindo o Brasil. O que não se sabe é a magnitude dos impactos de um eventual repique.”

Segundo o presidente da Abag, diversas entidades estão trabalhando na elaboração de um conjunto de propostas que será encaminhado aos candidatos à Presidência da República. O documento está aberto a novas sugestões, e todos aqueles que quiserem e puderem estão convidados a colaborar.

“O documento final será apresentado no 9º Congresso Brasileiro de Agribusiness, que terá como tema Cenários 2011: Comunicação e Governança. O evento acontecerá no dia 9 de agosto próximo, e a BM&FBOVESPA é também apoiadora”, disse Lovatelli.

Para o presidente da Abag, é fundamental que os setores públicos e privados discutam e definam um planejamento para o Brasil, com ações de curto, médio e longo prazos.

“Não apenas na área de alimentos, fibras mas, principalmente, na área de energia em que temos vantagens comparativas não encontradas em nenhum outro rincão do planeta. Somente assim será possível tomar a decisão de investir”, disse.

O vice-presidente do CME Group, Charles Carey, anunciou que as duas bolsas devem expandir seu relacionamento, investindo principalmente em tecnologia e parcerias estratégicas. Informou ainda que o grupo deverá ganhar novos parceiros este ano: as bolsas da Coreia do Sul e da Malásia.

Momento rico

O ministro da Agricultura, Wagner Rossi, defendeu a segurança jurídica fundiária e de propriedade. Segundo o ministro, o respeito ao Estado de Direito é fundamental para assegurar a continuidade do crescimento do setor. “O País já avançou muito neste sentido, em parte considerável pelo incentivo à agricultura familiar, prioridade do governo Lula. A agricultura familiar desmobilizou um espírito que ameaçava a paz no campo”, disse Rossi.

“Estamos colhendo safras recordes de grãos e de cana. É um momento rico para a agricultura brasileira”, afirmou Rossi, que elogiou a sintonia cada vez maior entre a área financeira, o governo e os agricultores. “Esta soma de esforços tem nos levado a conquistas extraordinárias”, disse o ministro.

Como exemplo, ele citou a forte expansão do crédito destinado à agricultura durante o governo Lula, que saltou de R\$ 22 bilhões para R\$ 100 bilhões.

Rossi anunciou que o governo prepara um grande programa na área da sustentabilidade agrícola (ABC – Agricultura de Baixo Custo), que inclui várias ações, como a recuperação de áreas degradadas, integração entre agricultura, pecuária e floresta e plantio direto. Não há ninguém que preserve melhor a terra do que quem trabalha nela, lembrou o ministro.

CENÁRIOS DA MACROECONOMIA E DO AGRONEGÓCIO

Crescimento mundial será mais forte em 2011

Nathan Blanche, sócio-diretor da Tendências Consultoria Integrada, não acredita em grandes oscilações do câmbio em 2010. Com as eleições, a taxa poderá chegar a R\$ 1,95 no segundo semestre deste ano, mas, fechadas as urnas, o câmbio deverá retornar a R\$ 1,82”, prevê o economista.

Para ele, o câmbio não é o principal empecilho do agronegócio. “O câmbio flutuante garantiu a melhora da economia brasileira e deu competitividade ao agronegócio brasileiro.”

Os recursos gerados pelo agronegócio, lembrou o economista, pagaram a dívida externa, aumentaram as reservas internacionais e garantiram o superávit na balança comercial do País.

No curto prazo, ele acredita que o cenário é positivo para a economia brasileira. No médio e no longo, no entanto, os riscos aumentam com a má condução da política fiscal, as possíveis intervenções no câmbio e as interferências na economia. “Precisamos garantir a manutenção da atual política econômica e de investimentos em infraestrutura, logística e educação.”

“Depois da forte crise de 2008, estamos vivendo um momento de pós-crise, como quem está convalescendo de uma pneumonia, e ainda há muita incerteza pela frente, principalmente na União Europeia.” Foi essa a fotografia que Blanche utilizou para descrever o quadro atual da economia global.

“Enquanto a economia americana responde a incentivos e é capaz de crescer 5% durante a crise, a Europa mostra mais dificuldades. O problema inicial foi de liquidez, mas hoje temos um problema fiscal na zona do euro, e ainda há muitas dúvidas quanto à recuperação da economia europeia.”

Nos EUA, algumas medidas estancaram a deterioração da economia, mas a recuperação será lenta, fazendo com que o desemprego siga em patamares elevados. Apesar da recuperação no segundo semestre, o ano de 2009 mostrou queda de 2,5%.

“O problema não é o câmbio, mas, sim, o Custo Brasil”

“Hoje, temos um problema fiscal na zona do euro, e ainda há muitas dúvidas quanto à recuperação da economia europeia”

“Esperamos crescimento de 2,4% em 2010, 2,5% em 2011 e 2,8% em 2012”, diz Blanche.

O Brasil é uma exceção, segundo o economista. “A grande revolução dos países emergentes foram as reformas estruturais. Elas foram feitas na década de 80, introduzindo controles como a responsabilidade fiscal, metas de inflação e câmbio flutuante.”

A previsão para os países emergentes é de manutenção de um ritmo de crescimento aquecido. “Durante a crise, foram esses países que mantiveram grande parte da demanda”, lembra Blanche.

O crescimento mundial este ano, na avaliação do economista, será mais forte e próximo à média histórica em 2011 (3,7%). Para este ano, a previsão é de 3%.

Na China, a recuperação segue com a economia registrando forte crescimento de 12%. A bolha de preços dos imóveis e ativos é foco de preocupação do governo, assim como a inflação. O país deve crescer não menos de 8% ao ano nos próximos cinco anos.

No Brasil, a recuperação da economia continua em curso. O patamar do varejo é alto, segundo o economista, mas a indústria segue se recuperando, com um ritmo ainda abaixo do pré-crise.

O mercado de trabalho mostra recuperação, e a taxa de desemprego é baixa. Blanche projeta desemprego médio de 7,6% em 2010, 6,8% em 2011 e 6,5% em 2012.

Em 2009, o crédito mostrou expansão para pessoa física e estabilidade para jurídica. Em 2010 haverá expansão de ambos. “Após a queda de 0,2% em 2009, a nossa expectativa para o crescimento do PIB para 2010 está em 6%, para 2011, em 4,4% e para 2012, em 4%”, informa o economista.

“A renda real cresceu 3,2% no ano passado. Com o crescimento de 0,8% para a ocupação, isto produziu uma expansão de 4,0% para a massa real (desacelerando em relação aos 6,9% de 2008). Para 2010, projetamos 2,8% para a renda real, 2,7% para a ocupação e 5,6% para a massa.”

Na indústria, para Blanche, o nível de produção só deve recuperar o ritmo pré-crise no fim de 2011. Em 2009, houve queda de 7,4% na indústria. Para 2010, o economista projeta 9% e, em 2011, 5,3%.

“Os dados de consumo seguem mostrando um bom comportamento. Em fevereiro, as vendas cresceram 1,6% em relação a janeiro, 12% acima do mesmo mês do ano anterior. Esse comportamento reflete a pequena deterioração das condições no mercado de trabalho, a recuperação do crédito e o alto patamar da confiança do consumidor”, diz.

“Inflação dá febre, câmbio mata”, diz Blanche, citando o economista Mário Henrique Simonsen. “Janeiro e fevereiro mostraram inflação mais alta, mas por questões pontuais (transporte, alimentos e educação), que não devem se repetir nos próximos meses. Para o médio prazo, projetamos inflação compatível com as metas”, diz.

Sobre a taxa de câmbio, o economista diz que ela tende a compensar o movimento de *commodities* no mercado internacional. “Nos últimos meses, houve pressão de alta de preços, de-

vido à elevação das *commodities* e depreciação do real, exceto nas últimas semanas.”

“O problema não é câmbio, mas, sim, o Custo Brasil”, diz Blanche. “A abertura comercial e a aceleração do processo de liberalização cambial aumentariam a demanda por câmbio, evitando possíveis desequilíbrios”, explica o economista.

Ele considera o cenário para a economia brasileira no curto prazo positivo. Mas a médio e longo prazos, os riscos para a trajetória de crescimento sustentado da economia brasileira têm aumentado, diante da má condução da política fiscal, tentativas de interferência no câmbio e maior intervenção do Estado na economia.

DIRETRIZES DO PLANO AGRÍCOLA E PECUÁRIO 2010/2011

Política agrícola com foco na sustentabilidade

O Plano Agrícola e Pecuário 2010/11, além de oferecer maior volume de recursos, deverá aumentar o percentual de dinheiro disponível a juros controlados. Foi o que disse o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Edilson Guimarães.

Entre as diretrizes do plano, consta ainda a continuidade dos programas de apoio a médios agricultores, através do Proger Rural, e ao cooperativismo. Mesmo com a diminuição na tomada de recursos no plano passado, o governo vai manter os programas de investimentos e aprimorar o crédito rural, diminuindo a burocracia.

Segundo o secretário, o governo também vai buscar aumentar a capacidade de armazenagem do produtor e manter a tendência de garantir o apoio à comercialização, com esforço redobrado para os produtos com preços abaixo do mínimo.

A preocupação com as práticas ambientais corretas também será contemplada no plano, com a expansão dos projetos de in-

“A preocupação com as práticas ambientais corretas também será contemplada no plano, com a expansão dos projetos de integração lavoura-pecuária-floresta e o plantio direto”

tegração lavoura-pecuária-floresta e o plantio direto. O seguro rural também deverá ser ampliado.

O governo acredita que o fundo de catástrofe votado na Câmara e em tramitação no Senado seja finalmente aprovado. Em 2009/10, o plano disponibilizou R\$ 108 bilhões para o período julho a junho. Até março, R\$ 65 bilhões já haviam sido utilizados, o equivalente a 60,2%. Para custeio e comercialização, o governo orçou R\$ 66,2 bilhões, dos quais R\$ 44,8 bilhões foram tomados, com percentual de 67,7%. Para investimentos, dos R\$ 14,5 bilhões orçados, R\$ 7,2 bilhões foram investidos.

Edilson Guimarães, secretário de Política Agrícola do Mapa, apresentou as diretrizes do Plano Agrícola e Pecuário 2010/2011, fazendo também um balanço dos resultados da temporada anterior. A área segurada saltou de 4,3 milhões de hectares, em 2008, para 6,6 milhões de hectares em 2009. O valor segurado passou de R\$ 7,2 milhões para R\$ 9,6 milhões de 2008 para 2009. A soja foi o produto mais segurado, com R\$ 4,0 milhões.

O secretário do Mapa destacou ainda o crescimento do zoneamento agrícola. Em 2007, foram publicadas 261 portarias, número que saltou para 379 (2009) e deve chegar ao fim deste ano a 547.

Para o novo plano, as metas do Mapa são garantir maior volume de recursos, apoiar o médio agricultor e o cooperativismo, manter os programas de investimento, aprimorar a operação do crédito rural, aumentar a capacidade de armazenagem e apoiar a comercialização. Como destacou o ministro Rossi, o novo plano vai dar prioridade às práticas agrícolas ambientalmente corretas.

NOVOS PRODUTOS E SERVIÇOS PARA O GERENCIAMENTO DE RISCO NO AGRONEGÓCIO

Bolsa lança contrato futuro de etanol hidratado

A BM&FBOVESPA iniciou a operação no dia 17 de maio dos contratos futuros e de opções de etanol hidratado com liquidação financeira. “Foi uma longa rodada de negociações para construir este produto. Consultamos e debatemos com praticamente todos os participantes da cadeia do etanol até chegar a um modelo adequado”, disse Ivan Wedekin, diretor de *commodities* da BM&FBOVESPA.

O contrato terá liquidação financeira no vencimento, como os contratos de boi gordo e de milho. Será utilizado o Indicador de Preços do Etanol Hidratado de Paulínia (SP), que passou a ser divulgado desde o dia 31 de março de 2010. Ele foi desenvolvido pelo Centro de Pesquisas em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo.

A formação de preços do contrato é em Paulínia-SP, grande polo de distribuição de combustíveis do Brasil. A cotação será em reais por metro cúbico, livres de PIS, ICMS e PIS-Cofins. Os participantes que permanecerem com posições em aberto (de compra ou venda) no encerramento do mês de vencimento (o chamado mês presente) terão seus contratos liquidados pela média do Indicador de Preços Paulínia dos últimos cinco dias úteis.

Segundo Wedekin, com o novo contrato, a BM&FBOVESPA pretende trazer mais participantes para o mercado de etanol e melhorar a eficiência na comercialização do produto. Uma das vantagens de um contrato líquido é que será possível sinalizar o preço futuro do etanol, hoje inexistente. O grande inimigo do setor é a volatilidade de preços, que chega a 40% e pode eliminar a margem de lucro.

A liquidação financeira passa a atrair a participação de usinas e distribuidores de combustível, por permitir a fixação de seus preços e a minimização do risco de oscilação, além de oportunidades de arbitragem entre os preços do mercado físico e mercado futuro.

“O mercado sucroalcooleiro está passando por uma profunda transformação, que gera uma integração da cadeia e muda as práticas e o comportamento dos agentes.”

Mercado futuro

Durante a sua palestra, Wedekin apresentou números que mostram a recuperação do mercado de derivativos nos EUA e no Brasil, comparando o período janeiro a abril de 2009, auge da crise, com os primeiros quatro meses deste ano. Por aqui, o crescimento do volume de contratos negociados frente a janeiro a abril de 2009, segundo ele, foi de 21%.



Outra boa notícia é o sucesso do contrato de milho por liquidação financeira, que já chegou a 423 mil contratos este ano. A expectativa é que supere 500 mil contratos até dezembro.

“Ele começou timidamente, em setembro de 2008, e hoje em posição em aberto é o mais pujante da bolsa. Estamos discutindo também alternativas para dar uma injeção de liquidez no contrato de soja, usando o sucesso do milho”, anunciou o diretor da BM&FBOVESPA.

A BM&FBOVESPA estuda uma mudança no contrato da soja, que também teria liquidação financeira, o que poderia gerar mais liquidez, a exemplo do que ocorre com o milho.

Entre as iniciativas para Bolsa em 2010, Wedekin cita a plataforma CME Globex, a partir da parceria com o CME Group. “Isso vai dar maior facilidade de acesso aos mercados e maior agilidade para a negociação”, diz o diretor da Bolsa.

Wedekin anunciou também uma espécie de serviço de proteção ao crédito para o agronegócio, que será desenvolvido pela bolsa para atender a uma demanda do mercado de defensivos. O serviço será lançado em junho.

“É um sistema de registro de informações de operações agropecuárias que visa auxiliar a gestão do risco de crédito dos negócios do setor”, diz ele. “Além de apontar os produtores com mais risco na contratação de crédito, o sistema também vai funcionar como um cadastro positivo, ao indicar os agricultores com melhor situação, que poderão obter condições comerciais mais vantajosas com seus fornecedores”, explica o diretor da BM&FBOVESPA.

“O foco da BM&FBOVESPA é contribuir para construir pontes entre os mercados financeiros e de capitais e o agronegócio. Um dos pontos relevantes são os novos títulos do agronegócio (CDCA, LCA e CRA) lançados pelo governo no fim de 2004. O montante de emissões desses títulos entre 2005 e abril de 2010 já supera R\$ 142 bilhões. A Bolsa também quer incentivar a maior integração entre os mercados físicos e a termo com o mercado futuro. Tudo faz parte de uma estratégia de fortalecer a competitividade da agricultura e do agronegócio”, finaliza Wedekin.

MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO DOS PREÇOS DAS COMMODITIES

Mercados estão com um olhar progressivo

Colunista da Reuters, John Kemp ilustrou com uma série de gráficos as mudanças no comportamento das *commodities* nos últimos anos. “Uma das principais mudanças foi a maior volatilidade e integração de investimentos em *commodities* com outros tipos de ativos”, disse Kemp.

Segundo ele, há uma ligação mais próxima das *commodities* aos mercados financeiros como o de moedas e de ações. “Muitos



investidores estão negociando contratos de *commodities* como uma classe de ativos em geral”, disse.

Kemp exibiu um gráfico para mostrar o forte ciclo sincronizado dos preços das *commodities* desde 2000. A sincronização atingiu seu nível mais elevado desde os anos 70. “Enquanto o preço do petróleo está alto em termos reais, os preços dos produtos agropecuários não mostram sinal de quebrar a tendência de baixa”, comentou o analista.

Destacou que, enquanto os preços de petróleo bruto têm voltado aos preços altos da década de 70, muitas das *commodities* agrícolas parecem travadas em termos reais a longo prazo.

Outra mudança apresentada pelo analista foi a ligação bastante forte dos preços do petróleo com os do milho. “Entre 1985 a 2004, não existia esta correlação”, mostrou Kemp em um dos gráficos que apresentou. “Mas a partir de 2005, há uma correlação firme entre os dois contratos. Isso devido ao início do biocombustível de milho e ao interesse dos investidores”, disse.

A correlação e a sincronização mantiveram-se altas mesmo depois de 2008, durante a recessão, e recuperaram-se no período seguinte. “Os preços das *commodities* mostram, significativamente, aumento da correlação com os mercados de ações dos EUA de 2006 em diante, progressivamente”, explica o analista da Reuters.

Segundo Kemp, a alta correlação é ainda mais aparente entre os preços atuais do petróleo e os preços futuros (daqui a dois anos), de 2004 em diante.

O mercado de milho mostra uma integração crescente entre o atual e o de futuros, mas o aumento da integração da curva do preço é menos óbvio para outras *commodities*, como a soja. O analista citou alguns “fatos estilizados” sobre a recente evolução dos preços das *commodities*:

- Correlação crescente entre os preços das *commodities* e outros tipos de ativos (exemplo: ações no mercado norte-americano). Também entre o preço das diferentes *commodities* entre elas mesmas;
- Correlação crescente na volatilidade nos mercados de *commodities* e outros ativos/produtos, como as ações;
- Aumento da correlação (integração) entre o preço atual e futuro das *commodities*;
- A volatilidade do aumento dos preços futuros, significativamente, agora mais próximos do nível observado no mercado atual.

Na visão do analista da Reuters, os mercados têm cada vez mais um olhar progressivo (para o futuro). Embora os fundamentos de curto prazo (como oferta, demanda e estoques) continuem importantes, os preços são dirigidos pela expectativa das ações futuras.

“O mercado reagiu à visão sobre oferta/demanda nos próximos dois-cinco anos, do que nos próximos dois-cinco meses. Os investidores agora suprem a maior parte da liquidez nos mercados de futuros, especialmente os contratos futuros de vencimentos mais longos”, diz ele, acrescentando que a participação crescente do investidor está amarrando as oscilações dos preços.

“Os investidores estão focados no crescimento a médio prazo em 2011-2013”

JOHN KEMP

“As *commodities* dão uma boa exposição da história de crescimento da China. Sua demanda tem sido o principal condutor do aumento dos preços nos últimos anos”

EMILY FRENCH

Kemp lembrou que os preços das *commodities* aumentaram fortemente a partir de 2009, apesar dos fracos fundamentos a curto prazo (grande oferta e estoques elevados). “Continua forte o interesse das instituições e dos investidores no varejo, e espera-se uma resistência. Os investidores estão focados no crescimento a médio prazo em 2011-2013”, disse o analista.

China e Índia

Emily French, diretora da ConsiliAgra (EUA), focou sua palestra nas tendências da China e da Índia. “O mercado tem subestimado a China”, disse, apresentando dados que mostram o poder de fogo dos chineses.

1. Desempenho - A China tem demonstrado elasticidade de crescimento nos últimos sete anos, desafiando todas as opiniões contrárias, inclusive do governo.
2. Quantidade - A enorme população chinesa faz o país ser o maior para industrialização e urbanização.
3. A maioria dos indicadores sugere que, mesmo depois do crescimento massivo, a China ainda tem um longo caminho a percorrer para alcançar os níveis ocidentais.
4. Há grandes desafios com relação ao meio ambiente e recursos a serem superados. Isso irá atrasar os níveis de crescimento em comparação com os mais recentes, mas não vai interrompê-los.

Emily lembra que o crescimento da economia chinesa durante o ano passado, em plena crise global, manteve-se longe dos indicadores da recessão nos EUA.

“As *commodities* dão uma boa exposição da história de crescimento da China. Sua demanda tem sido o principal condutor do aumento dos preços últimos anos”, diz ela.

Ela exibiu outros dados da pujança da China:

- A riqueza crescente da população urbana (6%).

A projeção de crescimento da economia é de 6 a 9% nos próximos anos.

- Nos últimos anos, a China acumulou de 50% a 100% do aumento da demanda global.
- Foi um consumidor modesto de várias *commodities*. Agora, são os maiores importadores de petróleo bruto, soja e óleo vegetal, com os metais logo atrás.
- Previsão de negociação de *commodities* a longo prazo com África e Brasil.
- Futura liberalização do comércio.

Na opinião de Emily, o impacto da Índia nas *commodities* globais é pouco em comparação com o da China, uma vez que sua economia é mais orientada aos serviços, e não às indústrias.

A Índia continua a mostrar sinais de que vai seguir o modelo chinês e influenciar os mercados de *commodities* (com os tigres asiáticos seguindo esta tendência nas próximas décadas).

Segundo Emily, a Índia está despertando para competir com a China em termos de crescimento e prosperidade e tem uma população jovem e próspera. É o maior produtor global de chá e açúcar, e as demandas por carvão, metal, sementes e energia estão crescendo mais de 5%.

SOJA

Maior oferta derruba os preços

Com estoques de passagem altos e perspectiva de safra cheia em 2010/2011, os preços da soja no mercado internacional não deverão ultrapassar US\$ 9 por *bushel* no próximo ano.

A projeção é de André Pessoa, diretor da Agroconsult. Na avaliação de Pessoa, os Estados Unidos terão produção próxima à desta safra, com 91,5 milhões de toneladas. A Argentina poderá chegar a 19,8 milhões de toneladas, e o Brasil tende a repetir os 68 milhões de toneladas colhidos na de 2009/2010. Na avaliação da Agroconsult, os estoques mundiais passarão de 50 milhões de toneladas de soja.

Pessoa disse acreditar que em 2010/2011 a área plantada no Brasil deverá ter pouca expansão, atingindo cerca de 23,4 milhões de hectares, um pouco acima dos 23,2 milhões de hectares da temporada 2009/2010. O crescimento se dará na Bahia, no Maranhão, Piauí e Tocantins, região da fronteira agrícola.

A China vai continuar ditando as regras do mercado em 2011, na opinião do analista. Ele cita a projeção do Centro de Óleos e Grãos da China, que prevê uma importação de 49 milhões de toneladas no próximo ano.

Emily French, diretora da ConsiliAgra, consultora americana, prefere ficar com o número do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), que estima as compras chinesas em 43 milhões de toneladas.



“A China vai continuar ditando as regras do mercado em 2011. Projeção do Centro de Óleos e Grãos da China prevê uma importação de 49 milhões de toneladas no próximo ano”

Para Emily, o Brasil deve se beneficiar do mercado chinês na exportação de óleo de soja, por causa da restrição do país asiático ao produto argentino. Os Estados Unidos não poderão disputar esse mercado porque não possuem selo de certificação que habilita o país à exportação do óleo de soja americano.

Uma grande safra nos EUA e a oferta abundante no Brasil e na Argentina devem gerar estoques de 67,8 milhões de t. A temporada 2010/11 deve elevar ainda mais os estoques, diz Pessoa, principalmente em 2011. Os preços vão sofrer uma pressão baixista nos próximos meses.

André Pessoa admite que a China possa de fato aumentar suas importações de carne, principalmente de suínos, devido a sérios problemas sanitários internos no rebanho. Mas isso não vai reduzir o ritmo das importações de soja e de milho.

Ele lembra que na temporada 2009/2010 a comercialização de soja foi antecipada em várias regiões do Centro-Oeste do Brasil, medida que o analista considera prudente, já que levar a soja para o segundo semestre é uma aposta arriscada.

A safra que o Brasil está colhendo é estimada em 67,4 milhões de toneladas, ante 57,1 milhões em 2008/9, mas pode chegar a 68 milhões de toneladas.

*Participaram da mesa José Norberto Freund, Vision Grain (coordenador); André Souto Maior Pessoa; Agroconsult e Emily French, ConsiliAgra-EUA como palestrantes; Valmor Shaffer (ADM do Brasil), como debatedor.

MILHO-AVES-SUÍNOS

Mercado distorcido pelos leilões

A maioria dos analistas presentes ao Seminário criticou a forma de subvenção que o governo vem utilizando para apoiar a safrinha de milho em Mato Grosso.

“Os leilões em Mato Grosso estão provocando uma distorção nos preços do grão”, disse o analista Fernando Muraro Júnior, da Agência Rural. Em Mato Grosso, a área cultivada cresceu 25% neste ano, o que Muraro atribui ao apoio dado pelo governo à comercialização do milho na última safra, quando os preços internos caíram e não havia demanda para exportação.

Na avaliação de Muraro, 92% da segunda safra de milho de Mato Grosso foram comercializados nos leilões da Companhia Nacional de Abastecimento. Em Goiás, esse percentual foi de 80% e, em Mato Grosso do Sul, de 53%.

O analista disse que isso provoca distorção nos preços e desestimula o plantio da primeira safra de milho nos Estados do Sul. É urgente uma intervenção governamental em Mato Grosso”, afirmou.

Para evitar o que chama de “vício do subsídio”, Muraro propõe limitar o benefício a um percentual da safrinha de milho ou por Estado produtor, por exemplo. Este ano, a safrinha de milho deve render 19 milhões de toneladas. A produção total brasileira de milho deve chegar a 52,7 milhões de toneladas.

Para Muraro, o Brasil não tem como resolver o problema dos leilões de milho no Centro-Oeste enquanto não solucionar as deficiências de logística. “Mas o Mato Grosso também não pode continuar aumentando a sua área plantada de milho”, diz o analista.

“O produtor da segunda safra de milho, a safrinha, especialmente o do Centro-Oeste, é um viciado em subsídios governamentais, recursos públicos, que têm garantido a rentabilidade do agricultor diante de preços baixos, mas também distorce o mercado brasileiro”, acrescentou o consultor da Agência Rural.

O analista prevê um cenário baixista para o milho este ano, por conta da grande oferta do cereal. “Há duas possibilidades para que os preços encontrem suporte: problemas climáticos que possam reduzir a produtividade da safra norte-americana ou a entrada da China como importadora do grão”, disse Muraro.

A crise do milho dura mais de um ano, e os produtores do grão enfrentam um ciclo de preços baixos que pode desestimular o plantio da próxima safra.

Daniel Glat, da Pioneer Sementes da América Latina, África e Ásia do Pacífico, concorda com Muraro. “A maior parte da safrinha está sendo colhida em Mato Grosso, longe dos centros consumidores, o que força o governo a ter de trabalhar a questão da logística e do subsídio.”

“Quanto mais o governo subsidia estes fretes de Mato Grosso, mas o pessoal vai continuar plantando a safrinha, porque

é uma segunda cultura que se adiciona com a soja. E mais vai se reduzindo o interesse do produtor do Centro-Sul de plantar no verão.”

Para Glat, o Brasil está colhendo uma safrinha grande. “Tivemos uma boa safra de verão, apesar de a área plantada ter caído, mas a produtividade foi alta. Aliás, a safra de verão tem aumentando todos os anos no Brasil”, diz.

Esta tendência de menos milho no verão e mais milho na safrinha já vem de alguns anos, e deve continuar, segundo o executivo da Pioneer. “Este ano nós tivemos a menor área plantada de milho no verão dos últimos 20 anos, e agora, em 2010/2011, a

“A safrinha tem condições climáticas de alto risco. Hoje, 35% da produção de milho já dependem da safrinha”

“Este é o ano da virada para os suínos. As negociações estão avançadas”



tendência é de se reduzir ainda mais. No ano passado, o Centro-Sul do Brasil, que planta entre 5 e 5,5 milhões de hectares, teve uma queda de quase 20%. Na próxima safra, a área deve ficar igual ou cair cerca de 5%. Isso vai depender do que vai acontecer com os preços nos próximos meses.”

“A safrinha tem condições climáticas de alto risco. Hoje, 35% da produção de milho já dependem da safrinha. Num ano de revés climático, que derrube pela metade a produção de uma safrinha de 18 milhões de t, o problema vai acabar se resolvendo por si. Outra forma é o governo, antes de começar a safrinha, avisar que não vai conceder subsídio para o frete”, recomenda Glat.

Na avaliação do executivo, hoje só consegue sobreviver com o milho dois segmentos: quem tem muita produtividade no verão, porque consegue administrar preços mais baixos, ou o pessoal da safrinha. Porque a conta da safrinha é diferente da conta do milho de verão.

O ano da virada

Ainda este ano, Santa Catarina vai conseguir derrubar barreiras sanitárias à carne suína em mercados da União Europeia e dos Estados Unidos. É o que prevê Pedro Camargo Neto, presidente

da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs). Ele também acredita na possibilidade de Japão e Coreia do Sul flexibilizarem suas restrições às importações de carne suína brasileira, mas isto deve ocorrer no próximo ano. “Este é o ano da virada para os suínos. As negociações estão avançadas”, disse.

Para Camargo Neto, a produção de aves e suínos requer suprimento de milho abundante, estável e a preços competitivos, condições a que o Brasil atende.

“O Brasil já é um dos grandes exportadores de aves do mundo, domina o mercado internacional e compete com os Estados Unidos. Já a indústria de suínos está mais atrasada. Não vendemos para a maior parte dos mercados, devido a restrições sanitárias injustas e desleais”, reclama o presidente da Abipecs.

Segundo ele, o Brasil tem hoje apenas 11% do mercado de suínos, mas há boas perspectivas de derrubar os atuais entraves sanitários. “Isso está próximo de acontecer, por exemplo, na China”, informa Camargo Neto.

Já na Rússia, é a carne de frango que sofre restrições de mercado, por conta do domínio da indústria norte-americana. Para os suínos brasileiros, a Rússia é o principal mercado e representa 40% das nossas exportações. “Nosso objetivo é reduzir essa dependência”, avisa Camargo Neto.

*Participaram da mesa Pedro de Camargo Neto, da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (coordenador); Fernando Muraro Jr., da Agência Rural (palestrante) e Daniel Glat, da Pioneer Sementes América Latina, África e Ásia do Pacífico (debatedor)

MERCADO DE CAFÉ

Qual é o tamanho da safra?

“Squeeze”. É assim que a cadeia do café define o momento atual do mercado. É quando os exportadores atravessam um aperto financeiro por terem fechado vendas para torrefadores no exterior a preços mais baixos do que os que estão encontrando agora no mercado interno para formar lotes para os embarques. Isso gera uma perda líquida na operação.

Esse aperto ocorre mesmo com o início da chegada ao mercado dos lotes da nova safra de café. Os preços até o momento não estão sentindo a pressão da colheita e continuam firmes, devido ao curto estoque de passagem previsto para este ano.

Para João Carlos Hopp Jr., da Exportadora Guaxupé, “os estoques em 1º de julho deverão estar em dois milhões de sacas, ou seja, praticamente zerados. É uma situação de *squeeze*”, explica ele.

“Há casos de operadores que venderam café para torrefadores no exterior a 20 centavos de dólar por libra abaixo dos futuros, mas que agora encontram café no máximo a 15 centa-



vos abaixo. Ou seja, estão tendo de arcar com cinco centavos de prejuízo”, disse.

Os estoques de passagem da safra antiga para a nova safra no Brasil ficariam nos menores níveis dos últimos cinco anos, segundo os exportadores. Os produtores continuam pressionados pelo elevado custo da mão-de-obra para a colheita e o real valorizado, o que impede quedas de preço no mercado no momento, mesmo com a entrada da safra nova.

Uma saca de café já está quase valendo meio salário mínimo”, disse Luiz Otávio Araripe, da Valorização Empresa de Café S.A., o que é insustentável para o produtor”.

Na avaliação de Otávio Araripe, diretor da exportadora Valorização Empresa de Café, a safra brasileira de café deste ano deve render algo em torno de 50,2 milhões de sacas, número bem inferior ao projetado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, que estima uma produção de 52 milhões de sacas, e a de alguns agentes do mercado, que apostam em até 58 milhões de toneladas.

“Com uma produtividade de 20,7 sacas por hectare, a produção deve ficar em 44,2 milhões de sacas. Se os níveis forem excelentes, a safra pode bater em 50,2 milhões de sacas”, disse Araripe.

O levantamento do IBGE, divulgado recentemente, estima uma safra de 44,3 milhões de sacas. Na mesma semana da realização do seminário da BM&FBOVESPA, a Conab divulgou o seu levantamento, projetando a produção em 47 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. Esse valor representa aumento de 19,2% ante as 39,5 milhões de sacas do ano passado.

Com essa safra abaixo do que o mercado trabalha, a relação de oferta e demanda mundial já acusaria um déficit de cerca de um milhão de sacas na temporada 2010/11, com oferta de 134 milhões de sacas e demanda de 135 milhões.

Na temporada 2011/12, o déficit pode saltar para 11 milhões de sacas, diante de uma oferta de 127 milhões de sacas e uma procura de 138 milhões. Com isso, os estoques mundiais seriam reduzidos a apenas quatro milhões de sacas.

Para Araripe, a queda dos estoques é inevitável, e o déficit deve perdurar por três anos. “Os preços devem subir”, aposta ele. O consumo mundial, que apresentava um crescimento médio ao redor de 1,5% ao ano, saltou para quase 2,5% ao ano.

Em sua palestra, ele destacou também que o consumo mundial de café, que está crescendo 2,3%, deve chegar nesta temporada a 135 milhões de sacas, saltando para 138 milhões em 2011/2012. No Brasil, o consumo *per capita* é superior a quatro quilos/habitante/ano.

“Os custos atuais e os baixos preços tornam inviáveis o aumento da produção do café para atender ao potencial de crescimento de consumo. As cotações têm de aumentar para que o Brasil possa expandir suas lavouras”, disse Araripe.

Para Hopp Junior, a safra brasileira de café deve render entre 53 e 55 milhões de sacas. Ele projeta um superávit de quatro milhões de sacas para este ano, mas prevê um déficit de



“Uma saca de café já está quase valendo meio salário mínimo”

oito milhões de sacas para o próximo ano, devido à queda na produção brasileira.

Hopp Junior disse que o aumento do consumo de café entre os jovens vem elevando fortemente a demanda global. “O café está na moda. Varejistas como a Starbucks revolucionaram a maneira de vender café”, disse.

O aperto entre a oferta e a demanda deve pressionar os preços até o fim do ano, segundo Hopp Junior. Ele aposta que a cotação em Nova York deva atingir 165 cents por libra-peso até dezembro.

No mercado interno, segundo ele, os preços devem ficar estáveis no curto prazo, durante a safra, para voltarem a subir em seguida. “A melhor estratégia no mercado futuro neste momento é comprar em agosto e vender durante o carnaval”, recomenda Hopp Junior.

*Participaram da mesa Carlos Brando, P&AMarketing (coordenador); Luiz Otávio Araripe, Valorização Empresa de Café (palestrante), e João Carlos Hopp Jr., Exportadora Guaxupé (debatedor)

MERCADO DE PECUÁRIA DE CORTE

Demanda aquecida por carne bovina

A demanda por carne bovina vai continuar aquecida no médio prazo, tanto no mercado interno como no externo, e a dúvida é se o Brasil terá oferta suficiente para atender à demanda.

Para Alexandre Mendonça de Barros, a demanda será firme, aqui e lá fora, nos próximos anos. “Passamos por um momento bastante interessante. Existe a possibilidade de os EUA abrirem seu mercado para o Brasil por conta das negociações do algodão. Também temos chances de entrar no México, talvez na Coreia do Sul”, prevê o analista.

O mercado de boi nestes últimos meses deu uma bela puxada, diz Mendonça de Barros, sócio-diretor da MB Consultoria. “Aqueles que venderam vão fazer uma boa margem. Mas a coisa ainda está apertada. Acredito que a demanda por proteína deve crescer nos próximos meses no mercado interno. As exportações também estão em alta.

Segundo ele, os nossos principais concorrentes – Argentina, EUA, Uruguai e Austrália – estão num processo de encolhimento do rebanho. A partir do próximo ano, deve começar a faltar carne desses concorrentes e se abre uma porta para o Brasil ampliar as exportações. Alguns problemas sanitários que estão aparecendo lá fora, como a aftosa no Japão, também podem favorecer a carne brasileira”, comenta o analista.

Para ele, o mercado de carne bovina atravessa um momento favorável, de franca recuperação, após os problemas causados pela crise global em 2008/2009. Os preços do mercado interno estão próximos das máximas históricas, enquanto no mercado externo o País vem ampliando suas vendas.

“Tem de aproveitar o potencial de crescimento e ver o limite do consumidor, até quando ele vai continuar pagando preço maior pelo produto”, afirmou André Skirmunt, diretor da trading Unimeat B.V.

Mendonça de Barros citou a questão do aumento vigoroso da renda no Brasil, especialmente em camadas menos favorecidas, e seu impacto positivo para o crescimento da demanda local por carne vermelha.

“Outro dia, recebemos uma consulta de uma empresa da Austrália que estava interessada em exportar picanha para o Brasil. É incrível, mas vai acontecer”, declarou, ressaltando o potencial lucrativo de algumas partes do mercado de carne no Brasil.

“Acho que a grande dúvida é se o Brasil vai dar conta da demanda que vem pela frente”, questionou Fábio Martins Dias, da RB Capital. “Há muita coisa para melhorar dentro de casa”, alerta Dias, citando a questão ambiental, o custo de produção, os procedimentos de rastreabilidade, entre outros problemas.

Para André Skirmunt, diretor da Unimeat B.V., é preciso testar até quando o consumidor está disposto a pagar um preço maior pela carne. “Temos de aproveitar este potencial”, propõe.

A grande dúvida, segundo Mendonça de Barros, é saber se o Brasil vai conseguir dar conta da forte demanda que vem pela frente. Quanto ao confinamento, Mendonça de Barros diz que continua sendo uma atividade arriscada.

“A pecuária voltou a ter alguma rentabilidade, mas nestes primeiros quatro meses, que é um momento importante na decisão de se preparar para o confinamento, a arbitragem foi muito desfavorável. Ou seja, a diferença entre os preços a vista da arroba e do mês de outubro é pequena, se considerado o risco envolvido”, explica ele.

Ele lembra que os preços do boi magro e do bezerro estão muito altos. “Com a experiência que o pecuarista teve no ano passado, ele fica com medo quando faz as contas. No ano passado, ele teve perdas consideráveis. Choveu muito nos confinamentos, o que prejudicou o ganho de peso dos animais. O confinador se machucou com a experiência terrível do ano passado e agora está convivendo com os preços de bezerro e do boi magro elevados”, diz.

*Participaram da mesa Fábio Martins Guerra Nunes Dias, RB Capital (coordenador); Alexandre Mendonça de Barros, MB Associados (palestrante) e André Skirmunt, Unimeat (debatedor)



“Os nossos principais concorrentes – Argentina, EUA, Uruguai e Austrália – estão num processo de encolhimento do rebanho”

MERCADO DE ALGODÃO

Custos baixos e boa rentabilidade

As perspectivas para o mercado de algodão na safra 2010/2011 são bastante favoráveis nos mercados brasileiro e internacional, segundo Matias Correch, gerente de risco da Bayer CropScience.

Na avaliação de Correch, o consumo mundial deve crescer 5% nesta e na próxima safra, puxado pela forte demanda da indústria têxtil. “O aumento do consumo está reduzindo os estoques mundiais”, disse. Por conta disso, o gerente acredita que os preços da *commodity* na Bolsa de Nova York e no mercado físico continuarão valorizados, já que a oferta mundial seguirá bastante apertada até a colheita da safra do Hemisfério Norte.

Custos mais baixos e maior rentabilidade devem estimular a produção de algodão na safra 2010/11, acrescenta o consultor Bruno W. Basile Martin, da Dianthus Agronegócios, que prevê um aumento de 13% na produção brasileira.

Para Martin, se os preços continuarem atraentes até o início do plantio, provavelmente a área plantada deverá crescer ainda

mais. O estoque de passagem para 2010/2011 será de 615 mil toneladas, 10 mil toneladas superiores ao da temporada anterior, de acordo com dados da Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (Anea).

O consumo nos meses de entressafra deve atingir 425 mil toneladas, com exportação de 130 mil toneladas. Com isso, o estoque ficará reduzido ao equivalente a dois meses do consumo da indústria.

“Até que o algodão da nova safra comece a entrar no mercado, a tendência é de os preços continuarem elevados”, diz o consultor. Segundo ele, a demanda no mercado interno tem sido alta, e a indústria está investindo. A capacidade de consumo da indústria brasileira está acima de 1 milhão de toneladas.

Para Martin, as restrições à exportação de algodão na Índia, forte *player* mundial, podem levar os compradores a buscarem produto no mercado americano e até no brasileiro.

“O algodão brasileiro já é bem conceituado no mercado internacional, vem ganhando prestígio junto ao consumidor mundial e pode se tornar um produto com boa demanda no mercado internacional nos próximos anos”, comentou Correch, da Bayer CropScience.

*Participaram da mesa J. Matias Correch, Bayer CropScience (coordenador); Bruno W. Basile Martin, Dianthus Agronegócios (palestrante); e Marco Antônio Aluísio, Eisa (debatedor)

“Até que o algodão da nova safra comece a entrar no mercado, a tendência é de os preços continuarem elevados”

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Preços devem se manter elevados

Produção de 653,7 milhões de toneladas de cana na safra que está sendo colhida, com crescimento de 9,5% na comparação com as 597 milhões de toneladas da temporada anterior. Para o Centro-Sul, colheita de 588 milhões de toneladas, com 33 milhões de toneladas de açúcar e 27 bilhões de litros de etanol. Esses foram os números apresentados pela Archer Consulting durante o seminário Perspectivas Para a Safra 2010/2011.

Arnaldo Luiz Correa, consultor da Archer, avalia que a produção brasileira deveria ser maior do que a prevista, algo em torno de 671 milhões de toneladas de cana, para fazer frente ao crescimento da demanda por etanol no mercado interno e a de açúcar no mercado externo.

No médio prazo, tanto os preços do etanol quanto os do açúcar deverão subir, na avaliação do consultor. Para a safra 2013/14, a Archer prevê a necessidade de uma colheita de 904 milhões de toneladas de cana, com crescimento de 11%.

“O movimento de consolidação, que traz ao País empresas fortes e capitalizadas para a indústria da cana, vai contribuir para que possamos alcançar este crescimento”, diz o consultor.



“O Brasil vai precisar de investimentos em torno de US\$ 35 bilhões até 2014 apenas para atender ao crescimento da demanda”



Para Correa, o Brasil vai precisar de investimentos em torno de US\$ 35 bilhões até 2014 apenas para atender ao crescimento da demanda.

Os preços atuais, segundo Correa, devem se manter elevados. O forte crescimento da demanda interna por etanol, em consequência do crescimento da frota de carros flex, vai sustentar os preços. Para Correa, não deverá sobrar etanol no mercado, que deve ficar ajustado e com preços firmes.

Em 2014, prevê o consultor da Archer, a frota de flex no Brasil deve atingir quase 24 milhões de veículos, o dobro do número atual. O consumo de etanol hidratado deve saltar de 16,5 bilhões de litros este ano para 37,4 bilhões de litros em 2014.

Luiz Gustavo Junqueira Figueiredo, da Usina Alta Mogiana, apresentou os gargalos do mercado de etanol: transporte ainda é feito basicamente por rodovias, o que encarece os custos do frete; a malha ferroviária é restrita; há necessidade de desenvolvimento de dutos; falta investimento em infraestrutura nos portos, além da ampliação da capacidade de distribuição. “Estamos longe ainda de ver o etanol como uma *commodity* global”, diz Figueiredo.

Arnaldo Luiz Correa acha que os preços negociados na bolsa de futuros de Nova York não retratam a realidade do mercado. “O custo médio do açúcar no Centro-Sul do Brasil, US\$ 15,53 cents por libra-peso, está acima dos preços negociados na bolsa (15 cents), e, se levarmos em conta os custos financeiros, o valor sobe para 17,40 cents por libra-peso.

No mercado interno, segundo Archer, os preços estão em declínio e podem chegar a R\$ 45/saca, enquanto no mercado internacional a tendência é de recuperação, podendo as cotações voltarem à faixa de 20 cents por libra-peso.

Para Correa, a sustentação do crescimento do setor sucroalcooleiro requer um processo de consolidação e investimentos de cerca de US\$ 35 bilhões até 2014. “As perspectivas são animadoras. O setor está cada vez mais se consolidando em mãos fortes. O mercado interno dá grande sustentação ao crescimento e deve se manter assim por um bom tempo”, diz o consultor.

“BRASIL ESTÁ PREPARADO PARA CRESCER”, DIZ DELFIM

No encerramento do seminário, o professor Antonio Delfim Netto, professor emérito da Universidade de São Paulo e ex-ministro da Fazenda e da Agricultura, fez uma bem-humorada e otimista palestra sobre as perspectivas da economia brasileira na próxima década.

“O Brasil vive um momento interessante. Vamos ter um crescimento consistente pelas próximas duas décadas. O País aprendeu a necessidade de manter um equilíbrio, da função do Estado indutor, da necessidade de se reduzir desigualdades e manter as condições para se construir uma sociedade mais justa, via economia de mercado”, disse o professor.

Ele destacou que, no longo prazo, os grandes desafios são a energia (autonomia alimentar, energética e militar) e demografia. “Mas o Brasil está preparado”, comentou.

“Já conseguimos substituir a nossa matriz energética por fontes mais limpas e conseguimos conciliar a produção de biocombustíveis e de alimentos, com aumento da produtividade agrícola e preservação do meio ambiente. Cerca de 40% da nossa energia são renováveis”.

“Temos aqui um estoque interessante de gente. É um estoque genético riquíssimo de gente que trabalha, é tolerante e tem facilidade de adaptação. Além disso, o Brasil tem a quinta população mundial, quinto maior território, nono PIB e um mercado interno de 200 milhões de habitantes, igual ao da população americana em 1970”, destacou o professor.

Ele citou outras vantagens brasileiras: o fato de ter uma única língua, não ter problemas nas fronteiras e nem problemas étnicos e religiosos.

“Nossas instituições são fortes. Uma democracia constitucional plena com transição política acabada, um setor financeiro sofisticado, déficits fiscais sob controle e um Banco Central operacionalmente autônomo, além de metas de inflação e política cambial”, disse o professor.

“Tudo isso faz do Brasil um país promissor. Vamos crescer, mesmo que não queiramos. Nós estamos preparados.”

*Participaram da mesa Luiz Gustavo Junqueira Figueiredo, Alta Mogiana Sugar Mill (coordenador); Arnaldo Luiz Correa, Archer Consulting (palestrante) e Luiz Alberto de Figueiredo, Ipiranga (debatedor)